

A imagem da capa #27

Cover image #27

Gabriel Moreira Mariquito de Sousa¹ , Joana Martins Contino¹ 

Foi com imensa alegria e gratidão que recebi o convite para criar a capa desta edição da revista¹. Esse projeto gráfico tem um significado especial para mim, pois me deu a chance de traduzir, por meio do *design*, a força da economia criativa como um elemento transformador de realidades. Esse poder de transformação, que vem da diversidade e da criatividade, é o que me inspira e me motiva a seguir com meu trabalho como pesquisador e a buscar aprimorá-lo.

Minha admiração pela economia criativa vai além do reconhecimento de que ela é um setor de grande importância econômica. Meu encantamento passa também pela constatação de que ela é um espaço de expressão de identidades. É um lugar em que culturas, tradições e histórias de diferentes comunidades ganham visibilidade e reconhecimento. Para mim, tão importante quanto números e empregos é o papel da economia criativa como ferramenta de resistência e inclusão. Em um mundo desigual, ela já mostrou ser um motor de mudança social que permite que artistas, criadores e produtores culturais expressem as complexidades da vida e tragam à tona questões que, de outra forma, poderiam passar despercebidas para boa parte dos cidadãos. Ela nos ajuda a reavaliar desigualdades, a dar voz a quem precisa ser ouvido e a mostrar que cada contribuição pode ter impacto social genuíno.

Um exemplo disso são os movimentos sociais, um dos principais temas do dossiê apresentado no volume 9, número 27, da revista *Diálogo com a Economia Criativa*. Muitas vezes, esses movimentos encontram na economia criativa um meio para amplificar suas mensagens e fazê-las chegar a novos públicos. Seja por meio da arte, seja do audiovisual, seja do *design*, seja da moda, a economia criativa permite que mensagens de resistência e equidade ecoem e toquem o coração das pessoas. Isso porque a economia criativa, por definição, celebra a diversidade e promove o valor das variadas culturas e identidades, favorecendo o crescimento econômico e a prosperidade de grupos sociais marginalizados.

Criar uma arte que capturasse todo esse potencial foi um verdadeiro desafio. Desde o início, a frase “Nossa diferença faz a diferença” ecoava na minha mente, quase como um mantra, e foi ela que baseou minha criação para esse conceito. Nos meus estudos sobre representatividade na tecnologia e sobre *design* decolonial, eu já havia compreendido a importância de incluir vozes dissonantes em todos os projetos. Essas vozes, muitas vezes maioria, frequentemente não são percebidas pelo *design* como tal. Elas são fundamentais não só para enriquecer as discussões, mas também para trazer novas perspectivas e

¹ Projeto gráfico e concepção do texto: Gabriel Moreira Mariquito de Souza; supervisão e revisão do texto: Joana Martins Contino.

avançar no processo de decolonização do *design*. Isso é especialmente importante para o *design* no Brasil, onde, como identificou Sergio Buarque de Holanda (1997), a diversidade é um traço identitário. Entendermo-nos como plurais e abraçarmos essa característica também no *design* podem transformar nossos processos sociais e torná-los mais conectados com as nossas culturas, com o nosso povo e com a realidade que vivemos.

Em uma ode a essa pluralidade, quis celebrar, na arte da capa do dossiê Marcadores Sociais da Diferença, Movimentos Sociais e Economia Criativa, a riqueza da diversidade e dos pequenos detalhes que formam o todo. A composição foi pensada para mostrar como as pequenas diferenças têm um impacto real sobre o todo, lembrando que são essas particularidades que nos tornam mais fortes e que fazem do coletivo algo vibrante e interessante.

Cada módulo possui papel fundamental na composição final, e é a multiplicidade de partes que cria um visual dinâmico e harmônico, em que cada elemento é essencial e cada unidade tem algo valioso a acrescentar. Cada módulo é único, como uma metáfora visual para as singularidades que coexistem no mundo. Algumas dessas diferenças se destacam e podem ser notadas de imediato, enquanto outras aparecem apenas quando olhamos com mais atenção. Alguns módulos possuem apenas pequenas alterações, em mínimos detalhes, ou em mudanças singelas de cor e de orientação, representando os diferentes níveis de visibilidade que características individuais podem ter.

Outro aspecto importante da composição está nos tamanhos dissonantes dos módulos; uma falsa percepção de ordem é oferecida pelos elementos mais parecidos entre si. Essa ordem percebida é tão frágil que, mesmo organizados, a simples existência dos módulos mais contrastantes já ameaça a harmonia do todo e expõe uma fragilidade intrínseca a qualquer ideia de ordem que tente se impor como homogênea e absoluta.

Assim, no coração dessa ilusão de ordenação, estão os módulos mais contrastantes, os responsáveis pela ruptura da ordem hegemônica. Juntos, eles criam entre si uma ordem própria que agrega suas diferenças em forma de círculo: uma aliança que simboliza a comunidade. Dessa maneira, é o conjunto que se destaca, mostrando que, embora as nossas diferenças continuem presentes e relevantes, quando estamos em aliança, conseguimos usá-las como ferramentas para criar uma ordem verdadeiramente resistente e sustentável.

Essa capa é, em essência, um convite para celebrar o nosso potencial individual e coletivo. Que ela seja, ao mesmo tempo, um chamado e um desafio para nos olharmos e nos enxergarmos de perto, entendendo nossos contextos pessoais como experiências únicas e contribuições valiosas para o todo. Também para que possamos olhar para o lado e pensar melhor sobre como somos envolvidos pelas pessoas em nosso entorno e como elas, em sua individualidade, impactam o nosso eu, em constante desenvolvimento, e como fazemos o mesmo por elas quando estamos em comunidade.

Que esta edição da revista inspire em você, leitor, um olhar renovado para enxergar a beleza das diferenças humanas e a importância de lutarmos para preservá-las

e exaltá-las. Que essa inspiração lhe permita visualizar todo o potencial social e econômico que reside nessa pluralidade e instigue o seu compromisso com uma economia mais inclusiva. E, principalmente, que você reconheça em si e nas pessoas à sua volta o seu pequeno grande poder de impacto. Boa leitura!

REFERÊNCIAS

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Sobre os autores

Gabriel Moreira Mariquito de Sousa: mestrando em Economia Criativa, Estratégia e Inovação pela Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio de Janeiro.

Joana Martins Contino: doutora em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Economia Criativa, Estratégia e Inovação da Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio de Janeiro.

